

## O menino de vestido azul e saltos

Jo A-mi\*

É Professora-pesquisadora da Unilab-CE (no Instituto de Humanidades e no Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente) e da UFC (no Programa de Pós-Graduação em Artes). Pós-doutora em Artes (UFMG), trabalha com pesquisas que atravessam estudos em Arte Visual, Gênero, Literatura/Poética/Escreita, Arte-Educação. É coordenadora do ATELIÊ (Grupo de Pesquisa e Estudos Interartes, da Unilab) e do TEIA (Laboratório Transdisciplinar de Escritas em/com Artes, da UFC). Enquanto Artista Visual, tem vivenciado experiências com Literatura, Pintura, Fotografia, Desenho e Audiovisual; como escritora, publicou os livros *Pela Impermanência* (2018) e *Cor Adormecida* (2012).

 <https://orcid.org/0000-0003-4299-5897>

**Recebido** em 14 mai. 2023. **Aprovado** em: 03 ago. 2023.

### Como citar este artigo:

A-MI, Jo. O menino de vestido azul e saltos. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 12, n. 2, p. 337-341, ago. 2023. Doi: 10.5281/zenodo.8302848.

Dedicado à Dandara dos Santos

O anjo sentou-se ao meu lado e mal pude ver os seus olhos.

O céu inundado esperava um corpo triste.

A Terra espelha o Céu? O Céu espelha a Terra?

Um menino que se divertia com vestido azul e saltos  
que sorria com o bater das asas de um beija-flor  
e tocava delicadamente as mãos calejadas da mãe  
arrefeceu arranhando o asfalto.

---

\*



[joami@unialb.edu.br](mailto:joami@unialb.edu.br)

Quem tiver ouvidos, ouça.

A luz que iluminava os sete candelabros de ouro no céu  
acobertou-se.

A penumbra da dor e da destruição  
da pele febril que desalentou o asfalto,  
fez asas angelicais derreterem como cera.

O anjo ao meu lado pode ver:

foram dois frenéticos rapazes que queriam se divertir.

Eles riram, eles bateram, eles amarraram, eles arrastaram.

O menino de vestido azul e saltos, perdido na travessia,  
parecia-se, agora, com um cometa ofuscado por luzes vermelhas.

O maná escondido e a pedra branca  
foram guardados.

A Terra não espelhava o Céu.

Um delicado corpo fora estraçalhado, desfigurado.

A Terra não espelhava o Céu.

O anjo ao meu lado, revestido de vestes brancas, sonhou.

Sonhou com o Céu refletindo na Terra

onde a luz cristalina dessas águas

que já haviam tocado o rosto de Narciso

abraçavam todos os seres:

de todas as cores e de todas as raças,

de todos os gêneros e de todas as religiões.

Sorria o Sonhador, neste momento.

Inanimado o menino de vestido e saltos,  
apertam as mãos-de-dever-cumprido os rapazes frenéticos.  
Há vida na Terra e há morte na Terra.  
O Sonhador já não mais sonhava:  
o Céu continuará inundado por corpos tristes?

Asas angelicais se tocam com olhos-que-não-são-da-Terra  
ouvindo os passos  
do corpo com aparência que não podemos compreender.  
Abre-se o livro da vida.  
Com olhos-que-não-são-da-Terra e colírio para ungir a visão  
o menino pode-se perceber cercado  
não mais de gritos, não mais de dores:  
cercado ficou o rapaz de incondicional amor.

O anjo ao meu lado disse:  
“Quem é digno de abrir o livro e desatar-lhe os sete selos?”  
Nenhum ser humano o podia.  
Mas os vinte e quatro anciãos sentados em seus vinte e quatro tronos  
apontaram para o menino  
que agora já tinha uma aparência que se podia compreender.  
“Criança”, disseram, “entregue o livro para o ser de sete chifres e sete olhos”.

Ademais, o menino de vestido azul e saltos intuiu  
e pediu a palavra:  
“Tende piedade dos que ficaram na Terra!”  
E o Céu podia ver que suas lágrimas refletiam  
a cristalina imagem da mãe.  
Mais três vezes repetiu a frase:  
“Tende piedade dos que ficaram na Terra!”

O cântico novo já se podia ouvir em todos os universos,  
e a mão de um ser intocável já sentia os selos,  
e as vozes de dezenas, centenas, milhares de anjos desciam para a Terra;  
mares começavam a cobrir centenas e centenas de quilômetros de pessoas,  
lavas de um vermelho alaranjado e cinzas escurecidas reluziam em cores fascinantes  
abraçando ladeiras, rios, cidades.

O cantador, no meio da praça em desespero, cantava:

o sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão!

E tudo na Terra parecia mais finito que antes.

Mas a criança de vestido azul e saltos  
com olhos que refletiam a imagem da Mãe,  
insistiu.

E mais três vezes pediu aos anjos, anciãos e a todos os seres  
ali presentes:

“Tende piedade dos que ficaram na Terra!”

E alguém que não se podia entender com-olhos-da-Terra se comoveu  
causando um silêncio intransponível.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

O anjo voltou a sentar-se.

As sete taças de cólera não mais foram pronunciadas

e um coro de vozes de celestes corpos

entou

uma música que jamais esquecerei.

Houve sinos a badalarem num tempo disforme

para a humanidade.



Por um instante, a Terra espelhou o Céu  
e um rio de água viva resplandecente como cristal de rocha  
pode sentir, novamente,  
a respiração de uma papoula branca que voltara a nascer  
no jardim da mãe de mãos calejadas.